

Duas mães e uma filha? A parentalidade em um casal homossexual

Marina Ortolan Araldi

Relato de pesquisa em formato de artigo apresentado como exigência parcial do Curso de Especialização em Infância e Família – sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Milena da

Rosa Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Porto Alegre, abril de 2013

"A igualdade não quer dizer idêntico, mas sim o que tem mesmo valor."

(Ávila & Gouveia, 1996).

SUMÁRIO

	Pág.
Resumo.....	4
Capítulo I	
Introdução	5
1.1 A Homoparentalidade	6
Capítulo II	
Método	8
2.1 Participantes	8
2.2 Instrumentos	8
2.3 Procedimentos	9
2.2 Considerações éticas	9
Capítulo III	
Resultados e Discussão.....	9
3.1 Sexualidade e Família	10
3.2 Casamento	12
3.3 Adoção	14
3.4 Maternidade	18
3.5 Inclusão social	20
Capítulo IV	
Considerações Finais.....	22
Referências.....	24

Resumo: As configurações familiares vêm sofrendo diversas alterações, sugerindo novos padrões de configuração, dentre eles o modelo homoparental. O artigo busca descrever, compreender e refletir sobre a parentalidade em casais homoafetivos, identificando como se desenvolvem as funções maternas, paternas e a parentalidade nestas famílias. Foi realizada uma entrevista semiestruturada com uma homossexual que possui relacionamento estável e tem uma filha adotiva. Os resultados indicaram que as mães desempenham papéis diferentes no contato com a filha, sendo que uma desempenha predominantemente a função materna enquanto a outra, predominantemente a função paterna. Mas isto não se dá de forma rígida, havendo alternância na atuação destes papéis.

Palavras-chave: Homoparentalidade, parentalidade, adoção, função materna e função paterna.

Através de revoluções sociais, econômicas, culturais e afetivas, a família e seus participantes vêm sofrendo diversas alterações, sugerindo novos padrões de organização. A parentalidade passou a ser exercida sem a necessidade de laços consanguíneos, de parentesco ou filiação (Paiva, 2007), o que possibilitou o reconhecimento de outros arranjos familiares. Dentre eles, o mais polêmico talvez seja a parentalidade de casais homossexuais, pelos estigmas relacionados a esta orientação sexual.

Como uma decorrência destas mudanças, e de debates e pressões sociais, os ministros do Superior Tribunal Federal brasileiro, após julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4277 e da Arguição de descumprimento de preceito fundamental nº 132, reconheceram em maio de 2011, por unanimidade, a união estável de casais homossexuais (Brasil, 2011). À exemplo de países como Holanda, Dinamarca, Noruega, Suécia, Portugal, África do Sul, Canadá, Espanha, entre outros tantos que aprovaram a união estável de pessoas do mesmo sexo há alguns anos (Dias, 2001; Canada, 2005; España, 2005; South Africa, 2006; Mello, 2006; Uziel et al., 2006; Portugal, 2010), o Brasil segue no avanço democrático e na busca pelos direitos civis dos homossexuais. Esta decisão histórica equipara a união estável homossexual à heterossexual, concedendo a milhões de gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis brasileiros direito a pensão alimentícia, herança, união com separação de bens e adoção de crianças e adolescentes.

A homologação da união estável entre homossexuais, atrelado ao crescente número de separações, recasamentos e famílias monoparentais (Brasil, 2010) e às diferentes possibilidades de gerar e adotar filhos, expõe os limites do conceito de família tradicional, associado ao modelo heterossexual (Patterson & Chan, 1999) e biológico (Zambrano, 2006). Surgem assim, novos padrões familiares, a fim de

representar a diversidade das famílias contemporâneas (Lévi-Strauss, 1976; Vaitsman, 1994; Fleck & Wagner, 2003; Mello, 2006; Zambrano, 2006). Para dar conta destas mudanças conceituais de família, estudos sobre a relação conjugal entre homossexuais têm crescido no mundo, o que possibilita reconhecer a existência desta realidade e a necessidade de estudar as singularidades desta temática (Grossi, Uziel & Mello, 2007).

A homoparentalidade

Homoparentalidade é um neologismo criado na França em 1997 pela Associação dos Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicos, e compreende as relações de paternidade, maternidade e família entre homens e mulheres homossexuais (Martinez, & Barbieri, 2008). O termo deriva de parentalidade, que é um fenômeno complexo, que se inicia antes mesmo do nascimento de um filho, nas fantasias que homens e mulheres tecem, desde muito cedo, a respeito da experiência parental, que vão além do fator biológico, à capacidade de imaginar seu filho e desta forma, converter-se em pais. Ser mãe e ser pai não é um processo natural, o filho precisa parentalizar seus pais e qualificá-los como tal, tanto em casais homossexuais quanto heterossexuais (Lebovici, 2004; Solis-Ponton, 2004).

Em uma família formada por casal heterossexual, a gestação de um bebê se caracteriza por ser o período de adaptação para os pais, para que eles se apropriem deste novo papel, observando as expectativas para a chegada deste novo membro que dependerá fisicamente e psicologicamente dos seus genitores. A mãe, desempenhando a função materna (Winnicott, 1983), cria espaço para o bebê, para que ele saia do estado de desamparo, onde necessita integralmente do ambiente para a sua sobrevivência, para um ambiente seguro, de afeto, onde a mãe dá sentido aos seus atos e significado ao seu corpo. O pai, além de dar suporte à mãe para que ela possa desempenhar seu papel, se

introduz – mais adiante – na díade com o objetivo de separar a criança da mãe para que ela possa se desenvolver individualmente. Ele faz a função de interdito, representando a lei e propiciando à criança a interiorização de regras fundamentais para o convívio em sociedade (Freud, 1905/2006).

A partir da afirmação de que o vínculo entre mãe/pai e filho não precisa necessariamente ser consangüíneo (Zambrano, 2006) a família homoparental é inaugurada através de quatro possibilidades: a) a família recomposta, que se caracteriza por uma mãe/pai, que tem um filho de uma relação heterossexual anterior e vive atualmente uma relação homossexual; b) técnicas de reprodução assistida, quando os filhos possuem vínculo biológico com os pais homossexuais. Neste caso, os métodos mais utilizados por lésbicas são a fertilização medicamente assistida e a inseminação artificial, enquanto gays se utilizam da doação de esperma, prática conhecida como barriga de aluguel, ilegal no Brasil; c) a adoção, que pode ser feita de maneira conjunta, quando as duas mães/pais entram no processo de adoção ou monoparental, quando uma pessoa do casal busca a adoção; d) e a co-parentalidade, que pode se situar nas possibilidades acima, pois é definida assim quando o cuidado com o filho é exercido de maneira conjunta e legal. (Grossi, 2003; Zambrano, 2006; Castro, 2007).

Através destas diversas possibilidades, o desejo de casais homoafetivos de constituírem uma família tornou-se mais fácil e estudos sobre esta temática se desenvolveram em todo o mundo (Grossi, Uziel & Mello, 2007). A partir disto, surgiram crenças de que estas crianças, por estarem se desenvolvendo em um lar homoafetivo, têm uma maior probabilidade de apresentarem problemas no desenvolvimento e se tornem homossexuais (Rodriguez & Paiva, 2009). Porém, estudos mostram que a identidade sexual e o desenvolvimento psicológico não são afetados pela ausência da figura de pai-homem e mãe-mulher (Zambrano, 2006), que valores morais,

de respeito e liberdade são passados aos filhos (Rodriguez & Paiva, 2009) e que a chance destas crianças desenvolverem transtornos psicológicos são iguais em relação às famílias heterossexuais (Dubreuil, 1998).

O estudo de famílias homoparentais é um assunto atual, que merece um olhar atento da psicologia, pois nos leva a pensar em um outro jeito de ser família, em diferentes possibilidades de sexualidade, de modos de vida e de laços sociais. Neste sentido, o presente estudo teve como objetivo descrever, compreender e refletir sobre como se dá a parentalidade em casais homoafetivos, identificando como se desenvolvem as funções maternas e paternas.

MÉTODO

Participantes

O estudo contou com a participação de uma família, composta por duas mulheres, que serão identificadas pelos nomes fictícios de Eva e Cássia, com idades entre 50 anos e 40 anos, respectivamente, e a filha Verônica, de dez anos. O casal possui escolaridade superior, nível socioeconômico médio, união estável há dez anos e reside na cidade de Porto Alegre com a filha, adotada aos três anos e seis meses de idade.

A família foi localizada intencionalmente através do contato com a SOMOS - Comunicação, Saúde e Sexualidade, organização não-governamental que desenvolve projetos e busca trabalhar por uma cultura de respeito às sexualidades.

Instrumentos

Foi realizada uma entrevista semiestruturada que apresentava questões relacionadas ao desejo de ser mãe, à relação com a filha e à visão que tem de si mesma e

da companheira como mães. O instrumento se baseia no artigo de Auerbach e Silverstein (1999) sobre a pesquisa qualitativa de pais gays e em entrevista desenvolvida pelo GIPED/NUDIF (2003) sobre a experiência da maternidade.

Procedimentos

Coleta de Dados. Eva e Cássia foram convidadas a participar da pesquisa através de contato telefônico. O objetivo era que a entrevista fosse aplicada individualmente com cada membro do casal, porém, em decorrência de compromissos profissionais, Cássia não pôde participar. A entrevista foi realizada nas dependências do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e teve, aproximadamente, três horas de duração.

Análise de Dados. Os dados obtidos através da entrevista semiestruturada foram explorados por meio da análise de conteúdo qualitativa (Turato, 2003), fazendo um corte temporal-espacial deste fenômeno (Neves, 1996) de modo subjetivo (Gunther, 2006), através da interpretação e compreensão das respostas (Moraes, 1999).

Considerações Éticas

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelo parecer número 144.182, do dia 05/11/2012. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi lido e assinado pela participante, concordando com a divulgação dos dados para pesquisa e publicações científicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo teve como objetivo compreender como se desenvolve a parentalidade em uma família formada por duas mulheres e uma filha adotiva, através da análise qualitativa da entrevista. O conteúdo das respostas foi distribuído em cinco categorias: sexualidade e família, casamento, adoção, maternidade e inserção social. Estas serão apresentadas a seguir, ilustradas por relatos da entrevistada e debatidas com a literatura.

Sexualidade e Família

Eva tem 50 anos, trabalha com crianças portadoras de deficiências físicas e foi quem participou da entrevista. Ela cresceu em uma família composta por pai e mãe casados e uma irmã mais nova. Relatou que não mantinha uma relação afetiva com o pai, mas que se aproximou dele um ano antes do seu falecimento. Eva mantém uma união estável há dez anos com Cássia, 40 anos, que trabalha em uma empresa no setor da informática. Cássia tem quatro irmãos, mas mantém contato esporádico apenas com a irmã mais velha, que é homossexual e vive fora do país. Seus pais são falecidos e eram separados.

A descoberta da bissexualidade de Eva deu-se ainda na infância e nunca foi sentida como um problema para ela, pois via seu desejo como algo natural, pertencente a ela e que não tinha como ser diferente: *“Desde criança que eu tinha interesse em homens e mulheres, meninos e meninas. Namorei vários meninos e depois tinha alguns casinhos com meninas, algumas historinhas. (...) Eu sabia desde pequena que eu tinha uma inclinação forte pra ambos os lados.”* Autores (Freud, 1905/2006; Guimarães, 1995; Palma & Levandowski, 2008) sugerem que, em muitos casos, não existe nenhum

momento de dúvida ou questionamento acerca da sua sexualidade, tratada desde o princípio como natural, o que é referido por Eva.

Aos 20 anos quando havia perdido a virgindade, Eva decidiu começar a tomar pílula anticoncepcional e revelou o fato à mãe neste mesmo período, em um trajeto de ônibus municipal: *“Abri minha bolsa, estava lá a cartela de pílula e eu mostrei pra minha mãe. E ela ‘Ah, é pra regular a menstruação?’ e eu ‘Não, não é (risos)’.”* No decorrer da conversa, sua mãe contou que uma conhecida dela estava morando com uma mulher, e neste momento Eva declarou sua bissexualidade para a mãe: *“‘Antes que tu diga alguma coisa, eu também gosto de mulheres’”*, ao que a mãe respondeu que *“‘Pelos tuas ideias eu já imaginava.’ Ok, morreu o assunto e nunca mais, nem teve assim drama, nunca, na família nunca teve, sempre foi tranquilo.”* Para o pai, Eva nunca falou abertamente sobre sua sexualidade, apesar de ele ter conhecido suas companheiras. Quem fazia o papel de levar e trazer informações sobre este assunto era a mãe: *“Com ele eu nunca falei ao certo. Para minha mãe eu disse isso, pra ele eu nunca verbalizei, mas ele conheceu a Livia (primeira companheira de Eva), e a nossa casa. Ele sabia. Com a Cássia também, mas é uma coisa que a gente nunca falou.”*

De acordo com Eva, Cássia experienciou de maneira dramática, em sua família, o momento em que a irmã mais velha revelou a homossexualidade à mãe: *“A mãe fez horrores quando ela se assumiu, de mandar embora de casa”*. Ela não aceitava a homossexualidade e os relacionamentos das filhas, portanto a relação da Eva com a sogra não era satisfatória: *“A mãe da Cássia não morria de paixões por ela ter saído de Santa Catarina e ter vindo pra cá. Pouco tempo depois ela (sogra) veio, tentou conviver com a gente e não deu certo. Ela realmente não aceitava”*.

A partir das falas de Eva, percebe-se que a descoberta e revelação da homossexualidade foi mais tranquila para ela do que para sua parceira. De qualquer

modo, ela nunca conseguiu revelar claramente sua orientação sexual ao pai. Assim, pode-se compreender que sua família suporta sua sexualidade, mas não parece aceitá-la inteiramente.

Casamento

Eva e Cássia se conheceram há catorze anos em uma sala de bate-papo na internet voltada ao público homossexual feminino. Eva havia terminado um relacionamento de quinze anos com Lívia, sua primeira relação duradoura, e estava solteira há dois anos, enquanto Cássia estava terminando um relacionamento com outra mulher. Inicialmente as conversas se baseavam em assuntos de interesses comuns e a relação de amizade que se formou foi evoluindo para um interesse romântico: *“A gente papeava muito sobre música. Ela até tava meio que saindo de um relacionamento meio esquisito com uma mulher (...) e eu meio que dava ajuda pra ela, conversando, papeando. (...) Um dia desses a gente começou a se enxergar de outra forma e começou a rolar um amor.”*

Elas então começaram a namorar pela internet, e se viram pela primeira vez quando Cássia entrou em férias e passou 15 dias na casa de Eva. Neste período em que ficou em Porto Alegre, distribuiu currículos, pensando na possibilidade de se mudar para a mesma cidade que a sua namorada. Uma semana depois de ter voltado para Santa Catarina, uma das empresas ligou agendando uma entrevista, que resultou na contratação da Cássia e na mudança definitiva dela para a casa da Eva.

Alguns anos depois, elas legalizaram a relação realizando o casamento civil, que além de funcionar como símbolo de inclusão (Almeida, 2007), permitiu que elas desfrutassem de alguns benefícios, como a compra da casa com o dinheiro do FGTS de ambas e a participação como dependente em convênios de saúde.

O casamento e as relações duradouras experimentadas por Eva retratam a estabilidade destes casais homossexuais, o que revela que a homossexualidade não busca o prazer como forma de satisfação única – e nem mais importante. Assim como em casais heterossexuais, a relação entre pessoas do mesmo sexo visa o sentimento, o carinho e o companheirismo (Giddens, 2002; Uziel, 2002; Palma & Levandowski, 2008).

O casal sempre assumiu a relação frente aos outros, mesmo que de maneira discreta, nos lugares que frequenta, seja com a família, no trabalho ou na rua. Eva relatou que o local onde trabalha é dirigido por irmãs católicas e que a revelação da homossexualidade não modificou a maneira que sua família era tratada, com respeito. Na empresa em que Cássia trabalha a sensação foi de acolhimento ao serem presenteadas com um chá de fraldas no momento da adoção da Verônica. Por estas experiências, Eva contou que não sofre com a homofobia e que a experiência mais semelhante a isto foi a relação com a mãe da Cássia: *“Eu sempre digo ‘não vou ter história triste pra te contar, sabe? Não vai ter drama, sensacionalismo.’ (...) A gente se respeita e isso atrai respeito. (...) A gente não se beija na frente dos outros porque eu acho que não precisa chocar ninguém. É muito chato ver um casalzinho hétero se beijando, se chupando, a gente não precisa disso, né? Então a gente não faz.”*

Reconhecer-se como homossexual é um processo, que se caracteriza por um período inicial de indistinção, onde o sujeito testa a fronteira entre o ser e o não-ser, evoluindo, lentamente para o reconhecimento da homossexualidade, que serve como base para a aceitação e comunicação a pessoas mais próximas (Paiva, 2007). Identificar-se como homossexual perante a sociedade, não significou para Eva dedicar-se aos direitos de lésbicas e bissexuais ou buscar uma exposição excessiva, mas apenas afirmar sua sexualidade para seguir com uma vida comum.

Adoção

O desejo de ser mãe surgiu pela primeira vez na vida da Eva quando ela tinha 20 anos e namorava Lívia, que não estava disposta a gerar ou adotar um filho. A partir disto, o casal decidiu adotar dois gatos, com quem estabeleceram uma forte relação de afeto, que ficou marcado para Eva como sua primeira experiência de maternidade: *“Nos apaixonamos de tal forma, criou um laço muito forte. Daí comecei a ter alguns gatos e de certa forma me sentia plena, não pensava mais em ter filhos.”* Uma década depois, a irmã mais nova de Eva engravidou, e este momento trouxe à tona lembranças sobre o desejo de ser mãe, já que foi o primeiro bebê que acompanhou desde a gestação até o nascimento: *“Foi muito importante o dia que este nenê nasceu. Eu filmei, foi muito emocionante. Fui eu que dei o primeiro presente. Foi uma coisa interessante em termos de maternidade.”*

Quando Eva conheceu Cássia, a maternidade voltou a fazer parte da sua vida, através do desejo da sua companheira em ser mãe: *“Quem teve a ideia e (estava) mais afim de ter o filho foi a Cássia.”* Ela relatou que não queria ter filhos, mas que iria apoiar a namorada: *“Na verdade eu não estava afim de ter filho. (...) Eu resolvi ter porque eu amo muito a Cássia (...) e pensei ‘Por que eu vou ser a pessoa que vai deixar alguém que eu amo muito ficar frustrada o resto da vida?’”* A partir disso, elas decidiram que a Cássia entraria com um processo de adoção como solteira, pois até então não sabiam se existiam adoções por casais homossexuais. Entretanto, na primeira entrevista da adoção com uma assistente social, em 2002, Cássia contou que era homossexual e tinha uma relação duradoura com uma mulher e foi sugerido a elas que entrassem com um processo de adoção conjunta: *“Ela (Cássia) chegou e disse ‘Olha, antes que tu comeces eu vou te dizer que eu tenho um relacionamento homossexual. Nós temos um relacionamento há 6, 7 anos’, e ela ‘Por que ela não está aqui?’, ‘Bom,*

porque que eu não imaginei que poderia’, ‘Não, nós vamos dar entrada como um casal, então ela precisa estar aqui.’ (...) Daí que a guria nos disse que sim, que nós poderíamos adotar, mas a gente teria que colocar o sobrenome das duas (risos), mas óbvio, era o que a gente queria! Então ok. Viva Porto Alegre! Viva o Rio Grande do Sul!”

Em decorrência a esta conversa, elas entraram com um processo de adoção de casal e passaram por um processo de entrevistas realizadas com a assistente social, a psicóloga, em encontros conjuntos e individuais, onde o conteúdo abordado era a vida de ambas: *“Eles reviraram nossa vida do avesso. (...) Tive que falar muito da Lívia, sobre a nossa relação. Como que começou, como que terminou, relação com meu pai, com a minha família, com a Cássia.”*

Apesar de perceber diferenças na duração das entrevistas entre o processo de adoção entre casais homossexuais e heterossexuais, Eva relatou ser positiva esta sistemática, pois, para ela, nem todos os requerentes tem condições de serem pais e mães: *“Ter filho, (...) não é pra qualquer um.”*

Após o parecer favorável do juiz, Eva e Cássia entraram na fila de espera. Neste momento elas já haviam realizado a união estável, que Eva alegou ter sido um fator facilitador para a adoção, contrastando à fluidez com que as relações amoras são vividas com os relacionamentos duradouros experienciados por ela: *“Os amores líquidos (...) duram dois meses, três meses, um ano e acabam. Quando acabassem ela teria que estar protegida.”*

Eva e Cássia pensaram em adotar um menino com idade entre três e quatro anos: *“Eu achei que a gente ia conseguir lidar melhor com um menino até porque a Cássia, praticamente criou o primeiro sobrinho dela.”* O juiz e a psicóloga que avaliaram o caso, entenderam que elas passaram por situações adversas com seus pais e

que um filho homem seria muito exigido, portanto seria mais indicado que elas adotassem uma menina.

Em 2005 elas foram chamadas para conhecer a história da Verônica, que na época tinha três anos e se encaixava no perfil de Eva e Cássia. Verônica foi retirada da família com um ano e meio por apresentar doenças recorrentes e peso abaixo do esperado. Sua família era pobre, a mãe, abusadora de drogas, tinha diversos filhos e era portadora de HIV, que foi transmitido à filha, mas erradicado em seu primeiro ano de vida.

O primeiro contato com Verônica foi através de um álbum que foi entregue ao casal, que continha a história dela, contada através de fotos e frases sobre os anos passados dentro da instituição: *“Nos deram fotos e contaram a história da Verônica. Dissemos ‘Não, então tá’, ‘Não, vocês não vão dar o sim agora. (...) Falem com a família de vocês, com os amigos. Pensem melhor, pra aí vocês darem um sim’”*. No entanto, desde o primeiro momento decidiram adotá-la: *“‘Sim’ sabe? (...) Nossa, não tem como dizer ‘Não, não queremos.’”*

Em decorrência à resposta positiva de Eva e Cássia, o processo de adaptação à adoção da Verônica se iniciou. Elas enviaram uma mochila, com uma boneca simples, bombons e um álbum intitulado “A família da Verônica”, com fotos do quarto dela, dos bonecos, dos animais de estimação e dos parentes mais próximos: *“(As crianças) conhecem o psicólogo como o tio da mochilinha. Cada vez que chega o psicólogo com a mochilinha, eles sabem que uma criança vai ser adotada. (...) Tem todo um processo de ele ir, conversar, mostrar ‘Olha, isso aqui foi mandado pelas tuas mães’, mostrou o álbum, conversava com ela. (...) Foi uma coisa tão tranquila. Já disseram pra Verônica que ela teria duas mães.”*

O primeiro encontro entre elas foi na casa da família, com o objetivo de que as

três passassem um tempo juntas, sem a interferência de assistente social ou psicóloga: *“Eles chegaram de manhã, a Verônica não queria muito papo e aí que entram os bichos na história. A primeira reação que ela teve foi quando a nossa cadela pulou na janela, ela fez ‘Oh!’ (...). Ela não falou quase nada com a gente. (...) Aí a Dóris, que é uma gata mãezona que a gente teve, (...) foi pro lado dela (...) Aí ela já ficou com a Dóris, brincando com ela. A gente levou ela pra conhecer o quarto e ela foi direto pegar uma boneca. (...) Ela gostou muito das coisinhas novas pra ela. (...) Aí foram atrás da gente (a psicóloga e a assistente social) e perceberam ‘Ah bom, a gente tá sobrando’ e foram embora e nisso ela ficou. Ficou e eu disse ‘Olha eles vão voltar...’ aí no fim da tarde quando eles voltaram ela fez de conta que tava dormindo.”*

Como o resultado foi positivo, Verônica já ficou dormindo em casa desde aquela primeira noite. Com a efetivação da adoção, Cássia ficou três meses afastada do trabalho, em licença-maternidade, e Eva uma semana.

Desde o momento em que desejou ser mãe e confirmou isto a sua parceira, parece que Cássia se colocou mais à disposição de desenvolver o papel de mãe cuidadora que Eva. Isto se iniciou na busca efetiva pela adoção, onde ficou decidido que Cássia iria entrar no processo como mãe solteira e, sem que elas soubessem da possibilidade, Eva foi convocada a participar ativamente. E se estendeu pela licença-maternidade, tendo Cássia o período dedicado à mãe, nos casos de adoção por casal heterossexual.

Maternidade

A família teve que se adaptar às mudanças, que nos primeiros dias e meses não foram fáceis. Por carências de vocabulário que determinem as relações nas famílias homoparentais, até mesmo a nomenclatura teve de ser definida (Grossi, 2003;

Zambrano, 2006; Grossi, Uziel & Mello, 2007), ficando estabelecido por Verônica que Eva e Carla seriam chamadas de mãe.

Eva sentiu que o processo de parentalização foi progressivo, desenvolvido através do amadurecimento da relação entre as mães e a filha: “(Verônica precisou) *descobrir que estava sendo filha e eu e a Cássia descobrimos que estamos sendo mães*”.

Nos primeiros meses a maior dificuldade era o sono, pois Verônica resistia a dormir à noite, chorando bastante ou acordando no meio da madrugada aos gritos. Este foi um dos momentos essenciais para a definição das funções que cada uma exerceria como mãe: “*De noite ela não queria saber de dormir, ela gritava. E tem a história toda de, como são duas mães, ela escolhe uma pra ser a mãe. Ela escolheu a Cássia, que é mais mãezona e a gente também, meio sem querer.*” Deste modo, se confirmam os papéis que vinha se constituindo desde o início do processo de adoção.

Através do reconhecimento de suas características pessoais, elas foram naturalmente desenvolvendo funções diferentes e complementares na relação com a filha, sendo que Eva se vê exercendo um papel mais próximo do paterno, enquanto Cássia se coloca mais próxima do materno: “*Eu tenho isso de ser o líder da matilha, eu deixo rolar um pouco mais.(...) Sou mais pra loucura*”, enquanto Cássia “*É muito mais passional. (...) É mais preocupada, mais de ‘meu bebê.*” Eva percebe que deixou Cássia assumir mais fortemente o papel de mãe principalmente por perceber a facilidade na relação entre a companheira e a filha: “*É importante de tu também saber que elas têm um momento delas. Se fosse num relacionamento mais comum, mais standart, seria o momento da mãe e da filha. Não, não é isso. É uma coisa mais afetuosa e eu deixo a Cássia ficar com esse papel que vai ajudar a Verônica bastante.*”

Eva relatou que considera machista a ideia de separar papel de pai do papel de

mãe, pois nota que o papel de mãe é desempenhado tanto por ela quanto por Cássia: *“Tem muita gente que pensa que em relacionamento entre duas mulheres tem um que é o masculino e outro o feminino, não tem isso. É uma coisa bem igual.”* No entanto, apesar de Eva afirmar que ambas desenvolvem o mesmo papel materno, as funções que cada uma desempenha na relação com a filha são singulares.

Não existia um modelo maternal que as inspirasse, mas Eva sempre pensou que gostaria de educar a filha com regras e limites. Revelou ter aprendido muito sobre os cuidados com a Verônica através da leitura de livros, conversas com uma amiga psicóloga e com uma série de televisão que mostra como disciplinar os filhos. Estabeleceu regras rígidas, horário para banho, jantar e dormir: *“Ela no quarto dela sempre, desde pequena.”* Deu autonomia à filha, desde o momento em que a Verônica foi adotada, através de pequenos gestos que possibilitaram seu desenvolvimento *“Desde pequeninha eu ensinei ela a tomar banho sozinha, escovar o dente, pra botar o carro e tirar o carro, eu ensinei ela a abrir o portão.”* Junto desta autonomia vieram os limites, delimitados por ela e respaldados pela companheira: *“A gente combinava muito (...) a gente se ajuda muito mesmo. Dar limite pro filho é uma tarefa muito árdua.”* Revelou que a irmã chamava ela de general porque ligava à noite, perguntando sobre a Verônica, e ela geralmente estava dormindo. Eva não concorda com esta definição da irmã, acreditava que educava a filha para que ela pudesse se desenvolver em uma família estruturada com regras e afeto: *“Eu pego assim, muito do meu jeito. Além de ser dura, eu sou muito palhaça. (...) Sou quase uma ajudante de mãe.”*

A relação mãe-filha é marcada por brincadeiras, música, filme, jogos de carta e videogame e os momentos de conflito são amenizados por Cássia. Eva acreditava que o momento atual de desenvolvimento da Verônica, que está com dez anos, facilita no relacionamento entre elas: *“Eu acho que ela tá começando a ficar num ponto que pra*

mim fica mais fácil. Ela é quase que minha companheirinha, sabe?(...) Se eu tivesse tido não seria tão parecida comigo.”

De acordo com o apresentado, Carla exerce prioritariamente a função materna, de acolhimento, de contato corporal, de cuidado físico-afetivo com a Verônica (Martinez, & Barbieri, 2008), enquanto Eva cede um espaço para que o relacionamento entre a mãe-Carla e a filha se estabeleça, buscando estabelecer limites e regras na relação, característica atribuída à função paterna (Winnicott, 1983). O que representa que as funções paternas e maternas podem ser executadas tanto por um parceiro, quanto por outro, sem fronteiras rígidas (Zambrano, 2006).

Inserção social

As mães sempre conversaram abertamente sobre a adoção, explicando que a família de origem da Verônica não tinha condições de cuidar dela, por isso ela havia sido encaminhada a uma instituição para que pudesse ser adotada: *“Eu disse que nós duas, eu e a Cássia, tínhamos desejado ter uma criança e a gente tinha escolhido ela pra ser nossa filha, que ela não tinha nascido da gente, mas era nossa. Tinha vindo pra nós.”* O questionamento sobre ter duas mães aparece nas conversas com colegas da escola da Verônica: *“Às vezes surge ‘Ah, tu não tem pai? Tuas mães namoram?’”*. Em outro momento, as diretoras da escola da Verônica pediram que fossem buscá-la mais cedo no dia dos pais, pois ela não iria participar das atividades relacionadas: *“‘Não to entendendo. É dia dos pais e daí? Ela não pode participar da atividade?’, ‘Ah é. Não, então tá.’ Fizeram as pressas um presentinho pra Verônica dar . ‘Pra quem ela gostaria de dar, pro avô?’, ‘Não, ela tem um dindo que é como se fosse o pai dela’”*.

Ela acredita que a participação da Verônica nestas atividades é um método pedagógico de mostrar às crianças que existem formas diferentes de ser família: *“Não interessa com quem eu durma, com quem eu viva, todas as pessoas são iguais.”*

Eva concluiu que a sociedade, de um modo geral, não sabe onde encaixar sua orientação sexual e a sua família, pois existem crenças de que uma família formada por pai e mãe está mais propensa a preservar a conjugalidade e a favorecer o desenvolvimento psicológico de uma criança (Patterson & Chan, 1999) e que uma criança criada em um lar homoafetivo terá mais chances de se tornar homossexual: *“E tem muito disso, de achar que vão criar pra ser mais um gay.”*

No entanto, não existem evidências científicas que comprovem que crianças que são criadas ou geradas por um casal homoafetivo apresentem diferenças no desenvolvimento físico ou psíquico. Pesquisas sugerem que os elementos essenciais para uma boa parentalidade estão associados à qualidade do relacionamento entre filhos e pais, e não à orientação sexual destes (Ricketts e Achtenberg, 1989; Patterson, 1995; Kirkpatrick, 1996; Patterson & Chan, 1996; Tasker e Golombok, 2002; Weber, 2003; Zambrano, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pode ser visto na discussão acima, a homofobia não é percebida por Eva, apesar de aparecer na sua família e na escola da filha, que não sabem como lidar com a homoparentalidade, levando a afastamentos entre os familiares e à exclusão da Verônica das atividades propostas na escola.

Apesar destas reações, o reconhecimento da união estável foi visto como favorável por trazer facilidades tanto para a adoção da filha, quanto para o reconhecimento da família perante a sociedade.

A pesquisa permitiu reconhecer as funções maternas e paternas desenvolvidas nesta família, através do contato das mães com a filha e do papel que cada uma desenvolve. Para a psicanálise, se faz necessária a presença de uma terceira pessoa para realizar a separação psíquica entre mãe e filho, atribuição que é associada à função paterna. Em famílias homoafetivas, formadas por duas mulheres, esta função pode ser exercida por uma das mães, a mãe que impôs os limites, pois o importante é que a filha reconheça que existe um amor da mãe-cuidadora, direcionado a outra pessoa que não ela, independente de esta ser mulher ou homem.

Portanto, Eva exerce predominantemente a função paterna, de interdito e estabelecimento de leis e regras que irão permear as relações dentro da casa, enquanto Cássia exerce predominantemente a função materna, de aconchego, significação e carinho. Essa distribuição de papeis, no entanto, não se dá de forma rígida. A nomenclatura destas funções parece limitar a compreensão dos papéis desenvolvidos em famílias homoafetivas, pois é atribuída ao sexo dos sujeitos e não ao comportamento das mães. Nota-se que tanto em famílias heterossexuais quanto em famílias homossexuais, pais e mães alternam na atuação dos papéis paternos e maternos.

Por se tratar de um fenômeno complexo e extenso, sobre o qual as consequências para a psique destes filhos não são bem conhecidas (Castro, 2007), sugerem-se pesquisas longitudinais que acompanhem o desenvolvimento do filho, e explorem as características de parentalidade nestas famílias e a percepção dos filhos nela inclusos.

REFERÊNCIAS

Almeida, M. V. (2007). O casamento entre pessoas do mesmo sexo: Sobre “gentes remotas e estranhas” numa “sociedade decente”. In: M. Grossi, A. P. Uziel, & L. Mello (Eds.), *Conjugalidade, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis* (pp. 153-168). Rio de Janeiro: Garamond.

Auerbach, C. & Silverstein, L.B. (1999). *Using Qualitative Research to Study the Social Reconstruction of Gender Roles: The Case of Gay Fathers*. Paper presented at the Association for Qualitative Research, July 8, Melbourne, Australia.

Ávila, M. B., Gouveia, T. (1996). Notas sobre direitos reprodutivos e direitos sexuais. In: R. Parker & M. R. Barbosa (Orgs.). *Sexualidades brasileiras* (pp.160-172). Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Brasil, Ministério do Planejamento. (2010). *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Censo 2010*. Brasília: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem populacional.

Brasil, Supremo Tribunal Federal. (2011). *Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4277 e Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental nº 132*. Ministro Ayres Britto. Brasília: Supremo Tribunal Federal.

Canada (2005). *Justice Law Website*. Retrieved from <http://laws-lois.justice.gc.ca/eng/acts/C-31.5/page-1.html>.

Castro, R. B. (2007). Amor e ódio em relações 'conjugays'. In: M. Grossi, A. P. Uziel, & L. Mello (Eds.), *Conjugalidade, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis* (pp. 89-108). Rio de Janeiro: Garamond.

Dias, M. B. (2001). *União homossexual: o preconceito e a justiça*. Porto Alegre: Livraria do Advogado.

Dubreuil, E. (1998). *Des Parents du même sexe*. Paris: Odile Jacob.

España. (2005). *Boletín Oficial Del Estado*. Retrieved from <http://www.boe.es/>.

Fleck, A. & Wagner, A. (2003). A mulher como principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 31-38.

Freud, S. (1905/2006). *Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago.

Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GIPED/NUDIF (2003). *Entrevista sobre a experiência da maternidade*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.

Grossi, M. P. (2003). Gênero e Parentesco: Famílias Gays e Lésbicas no Brasil. *Cadernos Pagu*, 21, 261-280.

Grossi, M., Uziel, A. P. & Mello, L. (2007). *Conjugalidade, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.

Guimarães, I. (1995). *Educação sexual na escola: mito e realidade*. Campinas: Mercado de Letras.

Gunther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2, 201-210.

Kirkpatrick, M. (1996). Lesbian and Parents. In: R. Cabaj & T. Stein (Eds.) *Textbook of homosexuality and mental*. Washington: American Psychiatric Press Inc.

Lebovici, L.W. (2004). Experiência da primeira infância e realizações femininas. In: L. Solis-Ponton (Org.), *La parentalidade: desafio para el tercer milenio*. (pp. 45-65). México: Editorial El Manual Moderno.

Lévi-Strauss, C. (1976). *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes.

Martinez, A. L. & Barbieri, V. (2008). A experiência da maternidade em uma família homoafetiva feminina. *Estudos de Psicologia*, 28(2), 175-185.

Mello, L. (2006). Familismo (anti)homossexual e regulação da cidadania no Brasil. *Estudos Feministas*, 14(2), 497-508.

Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, 22(37), 7-32.

Neves, J. L. (1996). Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Cadernos de Pesquisas em Administração*, 1(3), 1-5.

Paiva, A. C. (2007). Reserva e invisibilidade: a construção da homoconjugalidade numa perspectiva micropolítica. In: M. Grossi, A. P. Uziel, & L. Mello (Eds.), *Conjugalidade, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis* (pp. 23-46). Rio de Janeiro: Garamond.

Palma, Y. A. & Levandowski, D. L. (2008). Vivências pessoais e familiares de homossexuais femininas. *Psicologia em Estudo*, 13(4), 771-779.

Patterson, C. (1995). Lesbian and Gay Parenthood. In: M. H. Bornstein (Ed.). *Handbook of Parenting*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Patterson, C. & Chan, R. (1996). Gay father and their children. In: R. Cabaj & T. Stein (Eds.) *Textbook of homosexuality and mental*. Washington: American Psychiatric Press Inc.

Patterson, C. & Chan, R. (1999). In: Lamb, M. E. *Parenting and child development in "nontraditional" families*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Portugal. (2010). *Diário da República*. Retrieved from <http://dre.pt/pdf1s/2010/05/10500/0185301853.pdf>.

Ricketts, W. & Achtenberg, R. (1989). Adoption and Foster Parenting for Lesbians and Gay Men: Creating New Traditions in Family. *Marriage & Family Review*, 14, 3-4.

Rodriguez, B. C. & Paiva, M. L. (2009). Um estudo sobre o exercício da parentalidade em contexto homoparental. *Vínculo*, 6(1), 13-25.

Solis-Ponton, L. (2004). *La parentalidade: desafio para el tercer milenio*. México: El Manual Moderno.

South Africa (2006). *Government Gazette*. Retrieved from <http://www.info.gov.za/view/DownloadFileAction?id=67843>.

Tasker, F. & Golombok, S. (2002). Grandir dans une famille lesbienne. Quels effets sur le development de l'enfant? Issy-les-Moulineaux: ESF Éditeurs.

Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes.

Uziel, A. P. (2002). *Família e Homossexualidade: velhas questões, novos problemas*. Campinas (Unpublished doctoral dissertation). Unicamp, Campinas.

Uziel, A. P. et. al. (2006). Parentalidade e conjugalidade: aparições no movimento homossexual. *Horizontes Antropológicos*, 12(26), 203-227.

Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.

Weber, L. (2003). *Aspectos psicológicos da adoção*. Curitiba: Juruá.

Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed.

Zambrano, Elizabeth. (2006). Parentalidades "impensáveis": pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. *Horizontes Antropológicos*, 12(26), 123-147.